

MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: DESIGUALDADES DE GÊNERO E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA

Juliana Lopes Oliveira ¹

Laura Freire de Andrade ²

RESUMO

Através da visão culturalmente construída, a qual o gênero feminino é referenciado diante de uma representação negativa, por muitos anos, foi naturalizada a subordinação imposta às mulheres. Apesar de serem um número inferior à quantidade de homens em situação de rua, as mulheres encontram significativas dificuldades por estarem em uma sociedade permeada pela desigualdade de gênero. Desse modo, o presente estudo busca, através de pesquisa de campo e análise documental, analisar a influência do fator gênero, a fim de aclarar como isso interfere nas estratégias de sobrevivência de mulheres em situação de rua. Essa pesquisa busca refletir sobre as possibilidades do auxílio aos profissionais da saúde, para melhor atendê-las, para futuras efetivações de novas políticas públicas e estratégias de enfrentamento. A metodologia empregada pautou-se numa abordagem qualitativa, de natureza exploratória, com métodos de pesquisa de campo, fazendo uso de entrevista semiestruturada, aplicada às psicólogas do Centro POP-Sete Lagoas, e através da análise documental do livro “Mulheres sem teto: em situação de rua”. Considerando as falas apresentadas no livro e os relatos dos profissionais que assistem pessoas em situação de rua, pôde-se perceber que as estratégias adotadas pelas mulheres estão relacionadas à falta de pertença que sentem diante da desigualdade de gênero e que estar diante de um companheiro lhe proporciona respeito, ao mesmo tempo em que lhes submetem à violências. Sobre as ações das políticas públicas para as pessoas em situação de rua conclui-se que as estruturas de acolhimento não atendem às diferenças de gênero e, conseqüentemente, elas não encontram possibilidades de mudanças.

Palavras-chave: Gênero. População em Situação de Rua. Sobrevivência.

ABSTRACT

Through the socially constructed vision, which the female gender is related to a negative representation, for many years, the submission imposed to women has been neutralized. Despite being a minor number compared to the quantity of men in street situation, women find several difficulties to live in a society crossed by gender inequality. Thereby, this study seeks, through field research and documentary reviews, to analyze the influence of the gender factor in the experience of women in street situation, in order to clarify how it affects the survey strategies. This research seeks to reflect on the possibilities of the assistance to health professionals, to assist them better, for effectuation of future new public policies and coping strategies. The methodology employed is based on a qualitative approach, of exploratory nature, with field searches methods, making use of semi-structured interviews, applied to psychologists of the “Centro POP” in Sete Lagoas, and through the documental analysis presented in the book “Mulheres sem teto: em situação de rua”. Considering the lines presented in the book and the reports of the professionals assisting people in street situation, it could be seen that the strategies adopted by women are related to their lack of belonging that they fell when facing gender inequality and that being in front of a partner gives them respect, while subjecting them to violence. Concerning the actions of public policies for people in street situation, it can be concluded that the reception structures do not attend to gender differences and, consequently, they do not find possibilities for changes.

Keywords: Gender. Homeless population. Survival.

¹ Graduanda em Psicologia, Bacharelado, pela Faculdade Ciências da Vida (FCV).

E-mail: Julopesoliveira@hotmail.com

² Mestre em psicologia; Especialista em atenção em usuários de álcool e outras drogas; Professora do curso de psicologia da Faculdade Ciências da Vida.

E-mail: laurafreire.8@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O processo de formação dos espaços urbanos contemporâneos, é caracterizado pelo auto crescimento demográfico, devido à avanços tecnológicos e transformações das estruturas sociais, políticas e econômicas que marcaram a passagem de grande parte da população rural para a cidade. Entre diversas consequências desse seguimento, o espaço urbano revela a desigualdade social em que a população está inserida. A autora Sawaia (2009) descreve a desigualdade social como ameaça permanente à existência, que destrói a experiência, a vontade, a mobilidade e coloca o sujeito perante diferentes formas de humilhação. As pessoas que vivem em situação de rua são exemplos vívidos da desigualdade social no país.

Diante das propostas apresentadas na Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua, inseridas na Pesquisa Nacional Sobre a População de Rua do Governo Federal (2008), os grupos de pessoas que vivem o cotidiano das ruas são diversos e inclui desempregados, imigrantes, apartados do sistema penitenciário e psiquiátrico, entre outros. Destaca-se ainda a presença dos nomeados como “trecheiros”, estas que são pessoas que percorrem de uma cidade a outra. A vivência é caracterizada por condições extremamente precárias, falta de segurança, dificuldades de acesso à alimentação e abrigo, fragilidade em relação à saúde, além da visão socialmente criada, permeada pelo preconceito e marginalização.

De acordo com os autores Nonato e Raiol (2016), esta representação de população vulnerável é praticamente inexistente aos olhos da sociedade, pois o descrédito que estas pessoas sofrem é tão significativo que faz com que a sociedade elimine tais indivíduos do seu campo de visão. Além do constante isolamento social, deve ser considerado que o Brasil é um país constituído diante de uma cultura onde se prospera a minimização da mulher, um contexto de preconceito e desigualdade, que dificulta ainda mais a sobrevivência em território público. Este trabalho pretendeu analisar a influência do fator gênero na vivência de mulheres em situação de rua, atento à desigualdade, a fim de aclarar de que modo ser mulher em situação de rua, intervém sob suas estratégias de sobrevivência, além de aponta-las e analisar como a Psicologia como ciência, pode trazer reflexões a favor das mulheres em situação de rua.

Esta pesquisa buscou apontar algumas possibilidades de compreensão sobre o tema e poder auxiliar os profissionais, sabendo da necessidade e eficiência da interdisciplinaridade, para melhor atendê-las, e para futuras efetivações de novas políticas públicas, através da clareza das experiências e modo de vida de mulheres em situação de rua, considerando suas

singularidades, tendo em vista a ausência de informações acerca de políticas de atendimentos direcionadas ao público feminino.

Tendo a Psicologia Social como base, neste trabalho foi utilizada a pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, com uso de técnicas de pesquisa de campo e revisão bibliográfica, aplicando entrevista semiestruturada, além da análise documental do livro “Mulheres sem teto: em situação de rua”. Diante dos métodos utilizados na Psicologia Social e comunitária, mostra-se na literatura dos autores Alcântara, Abreu e Farias (2015), que o sentimento psicológico de comunidade corresponde à comunicação entre o individual (psicológico) e o coletivo (social); dispondo da junção de conexões teóricas e empíricas com os temas de apoio social, ambiente comunitário e natural, e identidade. E assim, tais métodos são capazes de auxiliar o sujeito a se colocar como ativo na construção da sua história de vida. Sendo essas as razões pela escolha dos métodos de pesquisa citados acima, ancorados pela Psicologia Social.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 IMPACTOS DECORRENTES DAS DESIGULDADES DE GÊNERO PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA

Simone de Beauvoir (1967) descrevia a diferença entre gêneros a partir da noção de homem atribuído ao positivo e neutro, sendo referente a designação dos seres humanos, já a mulher referida ao negativo. Através da visão socialmente construída, a qual o gênero feminino é relacionado à representação do sexo inferior, por muitos anos, foi naturalizada a submissão imposta às mulheres. Carvalho (2016) alega que é revelado através da história que, homens e mulheres, tinham representações distintas de seus papéis, enquanto as mulheres eram referenciadas ao universo privado e ao cuidado doméstico e familiar, os homens eram associados ao espaço público e a serem provedores do lar. A força da ordem masculina na sociedade intervém em diversos contextos, tais como na estrutura familiar, matrimonial, papel materno direcionado à mulher, divisão do trabalho e na representação política.

Deve-se considerar que a política referente às mulheres apesar de seu avanço em relação ao passado ainda exige avanços, pois a luta pelos direitos e equidade de gêneros segue sendo atual, tendo em vista que no Brasil a taxa de homicídios de mulheres tem tido crescimento acima da média nacional. De acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada)

e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2019), a taxa que se refere à mortes de mulheres cresceu 5,4%, o que significa 4.936 mortes. Para Zanatta *et al.*, (2016) o atual cenário da política governamental, o qual os grupos conservadores têm-se destacado, podem vir a ser a representação de retrocessos e ameaças que atinjam de forma ampla a política de saúde das mulheres e de igualdade de gênero.

Segundo os autores Rosa e Brêtas (2015), tais dinâmicas de vida, configuradas por manifestações descomedidas de força, saturam-se pelo desgaste corporal e mental, sendo assim, algumas mulheres chegam ao limite das violências que conseguem suportar no cenário doméstico e/ou familiar. Diante disso, por falta de outras opções, optam pelo abandono do lar e recorre à vida nas ruas. A vivência na rua também é caracterizada por diferentes representações entre gêneros. A violência e vulnerabilidade fazem parte de sua realidade, opressão de gênero, violência física, abusos sexuais, escassez de segurança e proteção, além das dificuldades enfrentadas como alimentação e higiene. Tais fatores são influenciadores diante das estratégias utilizadas para sobrevivência de mulheres em situação de rua.

2.2 ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DE MULHERES QUE VIVEM EM SITUAÇÃO DE RUA.

A população em situação de rua consiste em pessoas que não possuem uma moradia habitual. É afirmado por Araújo e Tavares (2015) que esses indivíduos habitam em locais considerados precários, vivendo dias e noites na rua através de improvisações, pois não possuem residência fixa. Este grupo em específico é a representação da exclusão social, característica da desigualdade econômica vivenciada no país, representado como heterogêneo, mas com um tripé em comum: pobreza extrema, vínculos familiares rompidos ou enfraquecidos e a inexistência de moradia convencional. Ser um número inferior à quantidade de homens em situação de rua, está relacionado, segundo a Pesquisa Nacional sobre a população de rua (BRASIL, 2009), à obrigação de viver em uma realidade masculinizada e que apresenta desafios intensos às mulheres, por estarem em uma sociedade permeada pela desigualdade de gênero e preconceitos.

Dados do Ministério da Saúde, agrupados pela Secretaria de Vigilância em Saúde (2017), mostram que mulheres são as principais vítimas de violências motivadas exclusivamente por ser uma pessoa em situação de rua. A violência é geralmente praticada por parte dos companheiros e/ou outros grupos ou relacionada às práticas higienistas. Os autores

Mattos e Ferreira (2004), explicam o discurso higienista como àquele que rotula e propaga o estigma do morador de rua sempre associado à sujeira, como um indivíduo imundo, de aparência imprópria, visto como algo que deve ser recolhido, segregado e, portanto, removido das ruas e dos olhares da população.

De acordo com a literatura de Biscotto *et al.*, (2016) a vivência de mulheres em situação de rua se caracteriza diante de enfrentamentos do cotidiano e pela busca por albergues ou abrigos como suporte para o atendimento de suas necessidades básicas. Estes lugares devem oferecer serviços de qualidade que atendam às necessidades imediatistas, sendo que as usuárias devem adequar o cuidado com o corpo e seus hábitos ao que lhes são oferecidos, mas alguns fatores contribuem para que optem por não recorrer à eles. A Pesquisa Nacional Sobre a População em Situação de rua (2009), demonstra que grande parte não prioriza o uso dos albergues pela rigidez de regras e rotina, falta de segurança, proibição do consumo de drogas, ou mesmo pela dificuldade em conseguir vaga. A violência é outro fator que implica nessa decisão, o desafeto entre pessoas que vivem na mesma situação, acarreta a escolha de estar onde os seus “rivais” não estão.

A vivência dentro dos albergues para as mulheres também implica maiores dificuldades devido à sociedade machista. A convivência com os pares ou em grupos, não dormir desacompanhadas, além de recorrer ao porte de armas, se submeterem a relacionamentos violentos é também uma forma de proteção. Ao refletir sobre suas experiências, algumas mulheres indicam a prostituição e o tráfico de drogas como meios de subsistência, configurando-se em um ciclo que retroalimenta a manutenção delas na rua, como apontado por Coelho (2016). É salientado por Biscotto *et al.*, (2016) que a vida na rua exige que as mulheres lidem, diariamente, diversificadas situações que se relacionam diretamente com sua sexualidade, corpo e, em alguns casos, dedicação ao filho.

2.3 A PSICOLOGIA EM ATUAÇÃO NO BENEFÍCIO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA.

A Política Nacional para Inclusão social da população em situação de rua (2008) aponta que assim como essas pessoas possuem o direito constitucional de ser consideradas como cidadãs integrais, também as políticas públicas que as contemplam devam ser idealizadas a partir de uma concepção interdisciplinar e integral. A política em questão tem como objetivo

orientar a execução e construção de políticas públicas direcionadas a este segmento da sociedade.

Tendo em vista que PSR trazem demandas que abrangem diversos setores nas políticas públicas, a Psicologia é um dos saberes presentes na assistência à esta população, inclusa nos trabalhos realizados dentro do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), com atuação nas Políticas Públicas na promoção e garantia de direitos. Essa possui algumas formas de intervenção social, sendo elas, grupal, de acolhimento, de habilidades e capacidades sociais, terapia familiar, trabalhando a autonomia, acolhendo suas necessidades básicas, bem como, realizando planejamento de vida. A psicologia auxilia o sujeito em seu processo de consciência e sentimento de pertença, os autores Alcântara, Abreu e Farias (2015) também apontam que para que seja possível desenvolver o exercício da cidadania plena, faz-se necessário estimular as potencialidades do sujeito enquanto capaz de fortalecer sua consciência crítica sobre a realidade que o cerca com intuito de transformá-la.

De acordo com o Conselho Regional de Psicologia Minas Gerais (2015), os profissionais da psicologia que trabalham com a PSR devem promover mudanças tanto na vida dos indivíduos, quanto em seu contexto social. Logo, exige que o profissional possua engajamento político e capacidade de realizar uma leitura social e histórica do campo no qual opera. O Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP), previsto no Decreto nº 7.053/2009, é a unidade de referência da Proteção Social Especial de média complexidade. O Caderno Centro Pop (2011), descreve que as ações ofertadas à população de rua, devem integrar-se às demais ações da política dos órgãos de defesa de direitos, da assistência social, e das demais políticas públicas. Essas atuações devem agrupar-se a ações públicas de promoção de direitos, que possam conduzir a resultados mais efetivos na consolidação da autonomia e potencialidades dessa população, buscando a construção de novos planejamentos de vida.

3 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado através de pesquisa qualitativa, fundamentada pela Psicologia Social, de natureza exploratória, com o uso de técnicas de pesquisa de caso e análise documental. A triangulação de métodos ocorreu como forma de entrelaçamento entre dois pontos de vista sobre o assunto, o discurso de mulheres que possuem a vivência de rua, junto às profissionais de psicologia que as atendem. O conhecimento construído no ato de pesquisar é

apontado pelos autores Souza e Carvalho (2016), como mais do que uma análise sobre a realidade investigada, mas sim um raciocínio situado no contexto em que há a inserção do pesquisador, e que se participam diversas vozes.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com psicólogas que trabalham no Centro Pop de Sete Lagoas, localizado na Rua Padre Henrique, número 68. Anterior ao encontro com as participantes, foi feito contato com a coordenação do local em busca de auxílio e organização da prática. A entrevista com a psicóloga 1 foi realizada no Centro Pop, gravada e reproduzida fielmente. Já a entrevista com a psicóloga 2 foi realizada por meio do aplicativo WhatsApp, por escolha da profissional, devido à dificuldade de disponibilidade de encontro, também transcrita de forma fidedigna. As entrevistas foram asseguradas pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A análise documental foi relacionada ao livro “Mulheres sem teto: em situação de rua” (2018), da socióloga, mestre em Administração e Planejamento Urbano e diretora da Estimar Instituto de Pesquisa Social de São Paulo, Josete Lopes de Carvalho. O livro foi produzido através de pesquisa qualitativa e apresenta entrevistas realizadas com um grupo heterogêneo composto por 30 mulheres adultas, incluindo 10 transgêneros, em situação de rua da região central na cidade de São Paulo, com idade entre 18 e 82 anos, em sua maioria negras, que foram selecionadas através de visitas a 14 projetos sociais. De acordo com Lemos *et.al* (2015) os documentos escritos e orais se tornaram operacionais de escuta psicológica e da construção da história da psicologia como subjetivação e saber. Os autores afirmam também que tanto a prática profissional de psicólogos quanto o campo de pesquisas relacionados à Psicologia são beneficiados pela historiografia.

Para a análise dos dados foram categorizadas unidades de análise a fim de sistematizar melhor as categorias de registro temáticas, confeccionadas por dentro do próprio método da Entrevista Semiestruturada e da Análise documental. As categorias foram intituladas como: A concretização do patriarcado; Adaptação da mulher ao âmbito masculino; A psicologia no serviço social. Foi utilizado análise de conteúdo, com uso de artigos em português, a partir do ano de 2008 e textos da Simone de Beauvoir traduzidos por Sérgio Milliet.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O livro analisado “Mulheres sem teto: em situação de rua”, utiliza de um conjunto de técnicas e recursos da pesquisa científica. Diante de sua leitura observa-se que a autora criou

estratégias para se aproximar das entrevistadas, necessitando de ajuda de outras pessoas que fazem parte de projetos e trabalhos com PSR para realização do trajeto. O documento retrata narrativas de mulheres em situação de máxima vulnerabilidade, e através de subdivisão em oito blocos expõe singularidades e particularidades, apontando suas fragilidades e formas de resistência. A autora utilizou de nomes fictícios para manter o sigilo e segurança das entrevistadas. Os dados do livro foram usados como documento para essa pesquisa, uma vez que, o acesso às mulheres em situação de rua exige um processo cauteloso e delongado para tal aproximação.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com as psicólogas que atuam no Centro Pop da cidade de Sete Lagoas-MG e estão identificadas por psicóloga 1 e psicóloga 2, com a finalidade de entender o papel da psicologia, suas contribuições no acolhimento, a atuação do psicólogo e sua percepção acerca das mulheres que buscam pelo serviço. Além de apresentarem sobre o fazer da psicologia, as profissionais também relataram sobre a visão que possuem das mulheres que buscam pelo serviço e suas satisfações e angústias que o trabalho lhes possibilitam.

4.1 A CONCRETIZAÇÃO DO PATRIARCADO

Apesar dos avanços quanto aos direitos e reconhecimento das mulheres na sociedade, que inclui leis que as protegem, como Lei Maria da Penha (lei nº. 11.340), Lei do Femicídio (lei nº. 13.104), entre outras, a ocorrência de casos de violência contra a mulher é grande no Brasil, país que alcançou a posição de 5º lugar entre os países mais violentos diante ao gênero feminino. Beauvoir (1970) descrevia que em quase nenhum país, seu estatuto legal é igual ao do homem e este a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são concedidos, um longo hábito impede que encontrem na prática sua expressão concreta. Nas ruas a situação de vulnerabilidade é mais um obstáculo para o rompimento das opressões. A psicóloga 1 relata sobre o seu ponto de vista, como profissional, sobre as mulheres em relação aos homens em situação de rua e da dificuldade que estar à margem da sociedade implica:

“Eu vejo elas também nessa mesma condição (de submissão) em situação de rua, esse lugar de uma menos-valia em relação ao masculino. Até as mulheres em situação de rua a gente vê que os homens são soberanos a elas e eu vejo que a diferença que a gente mulher inserida no contexto social, a gente luta em relação a essas coisas e a gente tá sobressaindo, a gente tem alcançado um lugar profissional, a gente tem né alcançado ter uma posição como os homens têm e eu vejo que elas têm essa dificuldade de ter algum lugar, que elas ficam totalmente submetidas ao masculino.”

As falas presentes no livro recordam que a vivência nas ruas para mulheres é mais um reflexo do tradicionalismo presente na sociedade:

“É difícil conviver com os caras de rua, alguns querem que as mulheres vão fazer programa, roubar para dar dinheiro para eles. São folgados.” TÁLIA (2018, p.26)

“Colega, não é diferente do mundo do outro lado de lá. Homens na situação de vulnerabilidade, como eles vão tratar uma mulher na mesma situação? Existe violência, sim, falta de respeito. É complicado.” DIONE (2018, p.27)

Nota-se diante das falas acima, que a desigualdade de gênero se concretiza através de violências sofridas tanto na sociedade, nos lares, dentro do contexto familiar, quanto à margem dela, nas vivências de rua. E que diante do contexto em que vivem, sair de tal situação é muito mais complexo e envolve tantas outras questões, que algumas vezes mantê-las se torna mais viável. De acordo com Coelho (2016), o discurso de violência é comum entre as mulheres em situação de rua e que algumas aceitam dar continuidade na relação para não se sentirem desprotegidas e as que conseguiram romper tiveram dificuldades para expor a decisão ao companheiro e de lidar com a própria decisão, pois saberiam que seria necessário reverter o seu modo de vida, tendo em vista as diversas dependências envolvidas no relacionamento.

4.2 ADAPTAÇÃO DA MULHER AO ÂMBITO MASCULINO

Sobreviver é sinônimo de resistência para as mulheres. Beauvoir (1967) dizia que ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhuma destinação biológica, psíquica, econômica define a forma que a mulher assume seu lugar na sociedade; é o conjunto da civilização que estabelece a posição entre o masculino e o feminino. Sendo assim, são necessárias algumas estratégias para sobreviver. De acordo com as falas evidenciadas na obra da socióloga Josete, uma das questões abordadas é o trabalho. Embora estejam fora do mercado formal, elas buscam por alternativas como reciclagem, faxina, tráfico e trabalho sexual. Para Bezerra *et. al* (2015), o trabalho regular, em grande parte, está fora do alcance dos moradores de rua e o trabalho durante o dia, sendo irregular, de curta duração e de remuneração baixa, não lhes garante rendas fixas, nem um caminho para sair das ruas.

“Dá para fazer um programa, uma faxina. Eu não fico só aqui, vou a outros lugares, tenho muitos conhecidos. A pessoa tem que correr atrás, não pode se acostumar com essa vida.” ARETUSA (2018, p. 30)

A relação com o homem em situação de rua, em sua maioria também diz de um método, segundo a autora do livro, o respeito está relacionado à presença de um companheiro, este fator também está presente nas falas apresentadas pelas entrevistadas. Por outro lado, vê-se uma relação de falsa proteção, entende-se que tal amparo é “pago” de alguma forma pelas mulheres. Sendo assim, estar em um relacionamento nas ruas diz de uma dualidade e que se dispor à ele é se esquivar de situações piores conforme se evidenciam os fragmentos abaixo:

“(…) a hipótese é que estar com alguém mesmo que esse homem não traz benefício para ela, não traz bem-estar, ou pior abusam dela de alguma forma, é um meio delas se protegerem, e ela mostrar o seu espaço. E o homem acaba protegendo ela dos outros homens né, então há o respeito ali entre eles e estar com alguém, ser a mulher de alguém garante isso para elas”. Psicóloga 2

“Comigo eles são super respeitosos, porque eu sou casada. Ter um companheiro ajuda.” HERA (2018, p. 27)

“Esse homem protetor, esse falso homem protetor, porque na realidade elas pagam por essa proteção como eu te falei ou elas trabalham no sentido de mendigância (sic), de prostituição.” Psicóloga 1

Alguns fatores relacionados ao feminino, também devem ser pontuados, tais como ciclo fértil e menstruação, estes que também incluem a necessidade do uso de táticas. A mulher em situação de vulnerabilidade está mais suscetível à violência sexual, uso abusivo de drogas, que as levam ao não uso de preservativo e outros métodos contraceptivos, que além do risco de infecções sexualmente transmissíveis, a gravidez se apresenta como recorrente. Diante das falas percebe-se a relação com a maternidade associada ao papel direcionado ao gênero e a perpetuação do machismo.

“Então quando ele é pai ele se sente viril, então elas também têm um preconceito em ligar e ficar estéril, elas não têm noção dessa palavra “estéril”, mas essa noção de não ter mais filho, o que ela vai dar pra esse homem? O que que ela tem a dar para esse homem é um filho e ele poder dizer para todos os outros companheiros da virilidade dele”. Psicóloga 1

“No primeiro casamento, tive um filho por ano: Victoria, de 1996; a Verônica, de 97; Gustavo, de 99. Em 2007, foi o Josué. Depois Mateus, que é de 2011, e a Isabel é de 2015. E agora estou grávida de novo”. DÓRIS (2018, p. 44)

“Eu morando na rua, vão tomar a criança de mim. Tenho uma amiga, moradora de rua que teve nenê e tiraram dela.” DÓRIS (2018, p. 4)

Segundo a autora, durante o ciclo menstrual, as mulheres contam com a ajuda de outras pessoas ou organizações sociais. Caso contrário, improvisam ou cometem furtos de absorventes.

“A sorte é que tem umas pessoas que dão absorventes. Quando não tem, a gente se vira com pedaço de pano, qualquer coisa, vai se virando.” ARIADNE (2018, p. 43)

O receio da busca pelo albergue como espaço de acolhimento é esclarecido por Biscotto, *et. al.*, (2016), através da rigidez das normas e casos de violência que ocorre dentro deste local. Outro fator demonstrado no livro pelas entrevistadas, é que o ambiente atende às necessidades masculinas, não possibilitando nenhum tipo de privacidade. As falas de Aretusa e Penélope apresentam a dificuldade em adaptar às normas de abrigos e/ou albergues, assim como esses locais serem reprodução da dominação masculina:

“O atendimento é bom, mas é bem rígido. Você tem que entrar até 7 horas da noite e às 6 horas da manhã tem que sair, faça chuva ou sol.” ARETUSA (2018, p. 23)

“A maioria dos albergues é só para homens. Quando atende mulher, é misturado. As mulheres sofrem muito em relação a assédio.” PENÉLOPE (2018, p. 23)

Através das falas a cima, pode-se observar que a mulher busca por estratégias a fim de se adaptar e ajustar-se ao contexto. Para isso utiliza-se do corpo, como objeto, do homem como defesa, além da ajuda de terceiros para cumprir com suas necessidades básicas. Outro aspecto é o fato de ser rotulada como uma mulher que não pode criar seu filho, levando à separação da criança ou até mesmo ao abortamento ilegal.

4.3 O FAZER DA PSICOLOGIA NO SERVIÇO SOCIAL

A Política Nacional na Inclusão Social da População em Situação de Rua (BRASIL, 2008) estabelece diretrizes que possibilitam a (re) integração destas pessoas às suas redes comunitárias e familiares, o acesso aos direitos garantidos como cidadãos brasileiros e o acesso às possibilidades de desenvolvimento social pleno. Este grupo é caracterizado através da vulnerabilidade social e diante disso é importante que inicialmente o sujeito se sinta seguro e acolhido e, de acordo com a demanda apresentada, os profissionais realize os encaminhamentos e intervenções necessárias. As profissionais entrevistadas descrevem sobre o trabalho realizado no Centro Pop – Sete Lagoas, exercidos no cargo de psicólogas.

“Então a gente visa que eles consigam sair do lugar de marginalidade, do lugar de submissão e conformismo, garantindo os direitos básicos deles como, tratamento de saúde, documentação pessoal, acolhimento, dentre outros.” Psicóloga 2

“Aqui a gente trabalha com imediatismo, eles são super imediatos eles querem um banho eles querem agora, eles querem o médico eles querem agora, eles querem uma passagem quando são Imigrantes eles querem agora, eles querem um acolhimento eles querem agora, e o médico que eles pediram que a gente marca se eles não forem atendidos imediatamente eles vão embora, eles não esperam eles vivem muito aqui ou agora.” Psicóloga 1

“A distinção entre a vivência do homem e da mulher em situação de rua é bem grande, cabe ao psicólogo a escuta condutas e encaminhamentos distintos para o homem e para mulher. Afinal de contas a mulher tem período menstrual, tem mudança de humor muito frequente, justamente porque está associada ao uso de drogas e transtornos neuropsicológicos, higiene dela é precária na rua, então tá exposta a doenças, vivem abusos sexuais, engravidam, vivem agressividade, então o trabalho com a mulher é bem distinto.” Psicóloga 2

O modo de vida das pessoas em situação de rua direciona a atuação da Psicologia na área social. As autoras Andrade e Romagnoli (2010), discorrem sobre a psicologia como uma profissão que é compreendida, em alguns momentos, como saber desempenhado em um espaço fechado, porém, essa perspectiva tradicional não se sustenta no cotidiano de trabalho no serviço social. Este aspecto gera questionamentos entre os profissionais, pois exige redimensão da prática clínica, se apresentando em espaço fluido e modificável.

“Na instituição de acolhimento, eu penso que o papel do psicólogo é insatisfatório, porque como a gente trabalha na assistência social, a gente não faz atendimento clínico, a gente aqui apenas encaminha pessoas em situação de rua, ou seja, que as mulheres para um outro atendimento, a gente encaminha pra médico, pra documentação, né pra algum contato com a família né alguma coisa nessa ordem.” Psicóloga 1

As falas descrevem que a psicologia busca promover autonomia do sujeito diante da própria trajetória, a cidadania e os direitos básicos, além de favorecer a ideia crítica a fim de saírem da situação de conformismo, considerando as peculiaridades do sujeito. Ao mesmo tempo em que apresentam questionamentos relacionados ao fazer do psicólogo, tendo em vista que a psicologia e assistência social, em algumas situações, se misturam diante do funcionamento de orientações e encaminhamentos.

“E como essas mulheres são vistas como pessoas inadequadas, indignas socialmente, elas mesmas acabam acreditando nesses rótulos. Aí vem a importância de compreender o quê que há por trás dessas escolhas dessas mulheres, para que elas, para que possam a gente conseguir buscar que elas superem as mazelas e as dificuldades, aumentando autoconfiança dela.” Psicóloga 2

É considerável que a escuta psicológica propicia mudanças ao considerar as singularidades presentes. O espaço de fala e escuta são alternativas para visibilidade, criação de possibilidades de saída da rua e formas de opressão, além da desconstrução dos estereótipos criados culturalmente pela sociedade. Tem-se como revés o reconhecimento das mulheres como pessoas pertencentes ao meio social, as falas demonstram que as mesmas são dadas como invisíveis à população, ao poder público e à sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa foi possível observar que a violência decorrente à desigualdade de gênero está presente tanto na sociedade quanto à margem dela, diante das mulheres em situação de rua. A condição de menor valia, submissão e impasse das mulheres em possuir sensação de pertença, é reflexo de uma cultura a qual o gênero masculino é colocado como superior. Consta-se que a violência de gênero se apresentava na vida de algumas mulheres antes mesmo de estarem em situação de rua, e que na vivência de rua também se depararam a diversas formas de opressão.

A Psicologia Social permite elaborar pensamentos críticos acerca do assunto, e assim buscar por alternativas para as demandas apresentadas. Nota-se que a Psicologia tem papel importante garantindo seus direitos básicos, considerando a característica imediatista do público e a precariedade de políticas que apresentam possibilidades de mudanças de vida. Promove mudanças diante da escuta das singularidades presentes, incluída no sistema interdisciplinar, junto à assistência social e educadores. Diferenciando-se do sistema clássico, a psicologia social se inclui na clínica ampliada, o que não diminui sua eficiência, além da garantia de direitos trabalha autoestima, valores, autoconhecimento e na elaboração de um plano de vida. O espaço de escuta e fala oferecido pelo profissional da psicologia proporciona que a mulher se reconheça como sujeito em sua própria história e que a partir disso encontre alternativas para transformações e sua qualidade de vida.

De acordo com os resultados, pode-se afirmar que as características de sobrevivência das mulheres em situação de rua estão relacionadas à falta de espaço causada pela desigualdade de gênero. A pesquisa aponta que ser do gênero feminino no âmbito das ruas, remete estar sujeita à violência física, moral, psicológica e principalmente sexual, além de sobreviver em estruturas voltadas a atender necessidades masculinas. Vê-se a precisão do reconhecimento das mulheres como sujeitos pertencentes ao meio social e do espaço de fala e escuta, como alternativas para desconstrução do estereótipo dado a elas.

Sugere-se para futuras pesquisas que sejam realizados estudos que visam alcançar as especificidades e necessidades desse público, com a participação das mulheres na construção do mesmo, afim de questionar quais são as políticas públicas existentes para acolhimento que atendem as diferenças de gênero. E assim possibilitar a análise dos serviços oferecidos às

mulheres em situação de rua, para pontuar quais são as alternativas concedidas para que elas saiam não só da condição de opressão, mas da situação de rua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, S. C., ABREU, D. P., & FARIAS, A. A. (2015). Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicologia**, 24(1), p. 129-143. doi:10.15446/rcp. v. 24 n. 1.40659. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rcps/v24n1/v24n1a09.pdf>> Acesso em: 15 mar.2019

ANDRADE, Laura; ROMAGNOLI, Roberta. O Psicólogo no CRAS: Uma Cartografia dos Territórios Subjetivos. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2010, 30 (3), 604-619. Disponível em: <[file:///E:/FCV/tcc/O%20psic%C3%B3logo%20no%20CRAS%20uma%20cartografia%20dos%20territorios%20subjetivos%20\(1\).pdf](file:///E:/FCV/tcc/O%20psic%C3%B3logo%20no%20CRAS%20uma%20cartografia%20dos%20territorios%20subjetivos%20(1).pdf)> Acesso em: 25 out. 2019

ARAÚJO, Paulo; TAVARES, Marcelo. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA: IDENTIDADE SOCIAL E A DIALÉTICA DA INCLUSÃO/EXCLUSÃO. **Cadernos de graduação**, Maceió, v. 2, n. 3, p. 113-131, fev./2015. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/2081/1283>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

BEAUVOIR, Simone De. O segundo sexo: A experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 9-500.

BEAUVOIR, Simone De. O Segundo sexo: fatos e mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. p. 7-309.

BEZERRA, W. C. et al. O cotidiano de pessoas em situação de rua: rupturas, sociabilidades, desejos e possibilidades de intervenção da Terapia Ocupacional. **Cad. Ter. Ocup.** São Carlos, v. 23, n. 2, p. 335-346, dez. /2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Documents/tcc/artigos%20para%20an%C3%A1lise/cotidiano%20de%20pessoas%20em%20situa%C3%A7%C3%A3o%20de%20rua.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2019.

BISCOTTO, Priscilla Ribeiro et, al. Compreensão da vivência de mulheres em situação de rua. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 50, n. 5, p. 749-755, out. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342016000500749&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 19 abr. 2019.

BISCOTTO, Priscilla Ribeiro et, al. Viver em Situação de Rua na Perspectiva de Mulheres: uma abordagem compreensiva. **Atas**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 125-132, mai./2016. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/745/732>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Meta Instituto de Pesquisa de opinião. Pesquisa Nacional sobre a População em situação de rua, 2008. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/backup/arquivos/sumario_executivo_pop_rua.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2019

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Vigilância em Saúde. Coordenação geral de Desenvolvimento da Epidemiologia em Serviços. Guia de Vigilância em saúde: volume único [recurso eletrônico]. Ed. 2, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/outubro/06/Volume-Unico-2017.pdf>> Acesso em: 17 out. 2019

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, dez. 2009. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf> Acesso em: 15 jul. 2019.

_____. Secretaria Nacional de Renda e Cidadania; Secretaria Nacional de Assistência Social. Orientações técnicas: Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – Centro Pop. v. 3. Brasília (DF), 2011a.

CARVALHO, Josete. Mulheres sem teto: em situação de rua. 1. ed. São Paulo: Estimar Instituto de Pesquisa social, 2018. p. 11-64.

CARVALHO, Rutineia Oliveira. Sociedade: Mulher e Proissão. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 27-44, fev./2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/sociedade,%20mulher,%20trabalho.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2019.

COELHO, Carla. Mulher em Situação de Rua e a Violência de Gênero: um olhar a partir do Grupo de Mulheres. **Repositório Institucional**: subtítulo da revista, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 15-92, ago./2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169851/TCC%20Carla%20Mariana%20Coelho.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 out. 2019.

CRP- MG. A Psicologia E A População Em Situação De Rua. **Concelho Regional de Psicologia de Minas Gerais**, 2015. Disponível em: <<https://redeassocialpg.files.wordpress.com/2016/01/a-psicologia-e-apopulac3a7c3a3o-de-rua.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2019.

EBC- AGÊNCIA BRASIL. **Ipea: homicídios de mulheres cresceram acima da média nacional**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/ipea-homicidios-de-mulheres-cresceram-acima-da-media-nacional>. Acesso em: 17 ago. 2019.

Governo Federal, **Política Nacional Para Inclusão Social Da População Em Situação De Rua**, maio de 2008, Brasília/DF. Disponível em: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/inclusaooutros/aa_diversos/Pol.Nacional-Morad.Rua.pdf> Acesso em: 09 jun. 2019

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 47-58, Aug. 2004 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102718222004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 set. 2019

NONATO, Domingos; RAIOL, Raimundo. Invisíveis Sociais: A negação do direito à cidade à População em Situação de rua. **Revista de Direito Urbanístico**: subtítulo da revista, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 81-101, dez./2016. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/322594801_Invisiveis_Sociais_A_Negacao_do_Direito_a_Cidade_a_Populacao_em_Situacao_de_Rua. Acesso em: 1 jun. 2019.

ROSA, Anderson da Silva; BRETAS, Ana Cristina Passarella. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 19, n. 53, p. 275-285, Jun/ 2015 . Avaliado em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832015000200275&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 abr. 2019.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdatransformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a10v21n3>>. Acesso em: 17 ago. 2019.

Lemos, Silveira; Cristina, Flávia; Galindo, Dolores; Junior, Passarinho; Leandro; Moraes, Marcelo; Borges, Amanda. Análise Documental: Algumas Pistas De Pesquisa em Psicologia e História. **Psicologia em Estudo**, vol. 20, núm. 3, julio-septiembre, 2015, pp. 461-469

Universidade Estadual de Maringá Maringá, Brasil. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/2871/287145646012.pdf> > Acesso em: 05 out. 2019.

SOUZA, Solange Jobim e; CARVALHO, Cíntia de Sousa. Ética e pesquisa: o compromisso com o discurso do outro. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre , v. 6, n. spe, p. 98-112, jan. 2016 .

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2016000100008&lng=pt&nrm=iso>..Acesso em: 12 mai. 2019

Zanatta, L; Grein, M; Dardet, C; Moraes, S; Brêtas, J; Cantero, M; Roses, M. Igualdade De Gênero: Por Que O Brasil Vive Retrocessos?, **Cad. Saúde Pública**, Rio De Janeiro, 32(8): e0089616, ago. 2016. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n8/1678-4464-csp-32-08-e00089616.pdf> > Acesso em: 18 abr. 2019